

## A Educação na Fronteira: Características do Processo de Ensino-aprendizagem no Município de Pato Bragado (Paraná-Brasil)

Educación en la Frontera: Características del Proceso de Enseñanza y Aprendizaje en Pato Bragado (Paraná-Brasil)

Education in the Border: Characteristics of the Teaching-learning process in Pato Bragado Town (Paraná-Brasil)

**Vanderson Rafael Muller Dapper**

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia pela Unioeste, Campus de Marechal Cândido Rondon. E-mail: vandersondapper@hotmail.com.

**Marli Terezinha Szumilo Schlosser**

Docente da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste, Campus Marechal Cândido Rondon e Francisco Beltrão. E-mail: marlisch20@hotmail.com.

Recebido: setembro 2019 Aceito: dezembro 2019  
Disponível on-line em <http://e-revista.unioeste.br/index.php/pgeografica>

**Resumo** – Na pesquisa em questão considerou-se a fronteira como espaço social que extrapola os limites políticos e cartográficos dos países com as interações que as populações fronteiriças estabelecem entre si. Objetiva-se discutir neste trabalho as características da educação desenvolvida nos espaços de fronteira. Para tanto, procedeu-se a investigação sobre o processo de ensino-aprendizagem na perspectiva das professoras de Geografia do município de Pato Bragado (Paraná-Brasil). Desse modo, observou-se a presença de vários estudantes paraguaios no educandário que enfrentam dificuldades quando matriculados e inseridos nas escolas bragadenses. Desta forma permite considerar que as escolas da fronteira necessitam se apropriar da diversidade cultural e linguística existente no ambiente escolar e elaborar projetos educacionais a partir desta realidade.

**Palavras-chave:** Educação na fronteira; Diversidade cultural; Processo de ensino-aprendizagem.

**Resumen** – La investigación en cuestión consideró la frontera como un espacio social que va más allá de los límites políticos y cartográficos de los países con las interacciones que las poblaciones fronterizas establecen entre sí. El objetivo de este trabajo es discutir las características de la educación desarrollada en espacios fronterizos. Con este fin, procedimos a investigar el proceso de enseñanza-aprendizaje desde la perspectiva de los profesores de geografía de Pato Bragado (Paraná-Brasil). Así, se observó la presencia de varios estudiantes paraguayos en el educandário que enfrentan dificultades cuando se matriculan e insertan en las escuelas de bragadenses. Por lo tanto, es posible considerar que las escuelas fronterizas necesitan apropiarse de la diversidad cultural y lingüística en el entorno escolar y elaborar proyectos educativos basados en esta realidad.

**Palabras-clave:** Educación fronteriza; Diversidad cultural; Proceso de enseñanza-aprendizaje.

**Abstract** - In this research border is considered a social space that extrapolates countries' political and cartographic limits with interactions established among border population. The aim of this paper is to discuss the characteristics of the education undertaken in border space. For this purpose, an investigation was conducted upon the teaching-learning process in the perspective of Geography teachers from Pato Bragado town (Paraná-Brasil). The results confirm the presence of several Paraguayan students in the school who encounter difficulties when enrolled and attending institutions from Pato Bragado. Therefore, schools located in a border area need to embrace the cultural and linguistic diversity existing in the school environment and develop projects based on its social context.

**Keywords:** Education in border; Cultural diversity; Teaching-learning process.

## Introdução

O Município de Pato Bragado (Paraná-Brasil) localiza-se geograficamente na linha da fronteira do território brasileiro. Por se encontrar no limite entre dois países distintos com culturas e identidades diferentes, construídas historicamente na oposição entre “nós e os outros”, esse espaço de fronteira é marcado pela diferença, mas também caracterizado pela diversidade cultural. Posto que na confluência entre os Estados nacionais os habitantes fronteiriços tecem relações e estabelecem suas estratégias de vida na fronteira, tornando-se um espaço social e cultural de integrações entre as diferentes povos e nações.

A fácil mobilidade pelo reservatório de Itaipu e a porosidade da fronteira decorrentes da insuficiente fiscalização permitem que as pessoas transitem entre os dois países como se estiverem em um mesmo território, indo de um município a outro. Por essa característica, as áreas de influência dos educandários de Pato Bragado extrapolam os limites nacionais e acabam atendendo estudantes descendentes de/ou paraguaios que buscam melhores condições educacionais no Brasil. Desta forma, as salas de aulas tornam-se espaços de diversidade cultural, com a presença de brasileiros e paraguaios.

Entretanto, observa-se inúmeros conflitos e dificuldades para a inserção, a adaptação e a inclusão dos estudantes paraguaios no sistema educacional brasileiro. Por esse motivo, o presente trabalho tem o propósito de discutir as características e peculiaridades da educação desenvolvida em áreas de fronteira internacional. Para tanto, os resultados apresentados partem das narrativas das professoras de Geografia do Colégio Estadual Pato Bragado - Ensino Fundamental e Médio, assim como, da análise dos conteúdos presentes no Projeto Político Pedagógico (PPP) do estabelecimento de ensino, com intuito de refletir sobre um projeto de escola que colabore para a construção da cidadania entre Brasil e Paraguai.

## Materiais e Método

O artigo apresenta os resultados finais do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), intitulado: “O jovem e a fronteira: percepções e práticas espaciais dos concluintes do Ensino Médio em Pato Bragado (Paraná-Brasil)” (DAPPER, 2018). O TCC desenvolveu-se sobre a juventude fronteiriça e sua relação com o espaço geográfico vivido. Porém, o presente trabalho retrata um recorte sobre a educação desenvolvida em áreas de fronteira, com o estudo de caso dos processos de ensino-aprendizagem do Colégio Estadual Pato Bragado - Ensino Fundamental e Médio, que localiza-se na sede do município e encontra-se na faixa de fronteira do território brasileiro.

Os resultados procedem das entrevistas realizadas com as professoras de Geografia (Quadro 1) que estavam trabalhando no estabelecimento de ensino no ano letivo de 2018:

Quadro 1 – Caracterização das professoras entrevistadas.

<b>Identificação:</b>	<b>Formação profissional:</b>	<b>Quadro funcional:</b>	<b>Município de residência:</b>
Professora I	Licenciada em Geografia (2004). Especialista em Análise Ambiental e Regional em Geografia (2006).	QPM 01/02/2012 20 horas	Marechal Cândido Rondon – PR
Professora II	Licenciada em Geografia (2000). Especialista em Educação Especial (2005) e Educação Ambiental (2011).	QPM 23/11/2005 05/04/2010 40 horas	Pato Bragado-PR

Fonte: Portal da transparência do Estado do Paraná. Organização: DAPPER, V. R. M. (2018).

Lecionavam no estabelecimento duas professoras da disciplina de Geografia. A primeira é residente na cidade de Marechal Cândido Rondon, concursada com 20 horas no estabelecimento e possui aulas extraordinárias em outros três colégios. A segunda é natural de Pato Bragado e concursada com 40 horas no educandário. Cabe ressaltar que ela foi estudante do Colégio Estadual Pato Bragado - Ensino Fundamental e Médio.

As entrevistas realizadas firmaram-se no propósito de conhecer as atividades educacionais desenvolvidas no estabelecimento, a partir das narrativas das professoras da disciplina de Geografia, visto que “[...] é na fala, isto é, no processo de revisitar a memória que o entrevistado, muitas vezes, se descobre como sujeito da história, interpreta os encontros e desencontros que a vida apresenta nos seus múltiplos aspectos” (ALMEIDA, 2003, p. 38). Nesta perspectiva, as professoras puderam responder livremente as questões e expor percepções sobre as experiências docentes na fronteira internacional entre Brasil e Paraguai. As entrevistas foram analisadas para compreender, a partir da linguagem do próprio sujeito entrevistado, a maneira como ele percebe e interpreta os aspectos do mundo onde estão inseridos (BOGDAN; BIKLEN, 2010). Portanto, buscou-se, a partir das narrativas, entender as características da educação e em áreas de fronteiras internacionais.

## Resultados e discussões

A escola se configura como instituição formal que possui a responsabilidade de oportunizar o acesso aos conhecimentos historicamente produzidos pela humanidade. Embora atualmente sejam atribuídas outras funções à escola, ela ainda se caracteriza como uma “[...] possibilidade de contribuir para a formação da criança, para que ela consiga se situar no mundo e, futuramente, também no mercado de trabalho” (CALLAI, 2013, p. 22). A escolarização está pautada no processo de reprodução social, que busca transmitir conhecimentos para formação do mercado de trabalho e disseminar as ideias das classes dominantes. Dessa forma, a educação “[...] além de repassar o saber historicamente acumulado pelos homens, atua na subjetividade, influenciando os indivíduos para agirem desta ou daquela forma” na sociedade capitalista (FRERES; RABELO; SEGUNDO, 2008, p. 395-396).

Na concepção de França e Carvalho (2015), a educação – e principalmente o ensino de Geografia – também é utilizada pelo Estado nacional como ferramenta para difundir o sentimento de pertencimento territorial, a afirmação da identidade nacional brasileira e a construção de projetos e imaginários hegemônicos. Nesta perspectiva, as propostas educacionais funcionam como um “[...] instrumento veiculador de uma ideologia nacional e também da existência de uma cultura e identidade única que remete a uma determinada nação” (NUNES, 2015, p. 139). Entretanto, as escolas localizadas na faixa de fronteira do território brasileiro são marcadas pela diversidade cultural, que advém do encontro entre estudantes fronteiriços de países distintos. Trata-se de um ambiente de diversidade, visto que atende um universo heterogêneo, plural e em movimento constante.

O Colégio Estadual Pato Bragado - Ensino Fundamental e Médio se caracteriza como uma escola da fronteira. Recebe contingente significativo de alunos oriundos de Colônia Marangatú, pertencente a Nueva Esperanza (Canindeyú-Paraguai), devido às condições sociais e econômicas desiguais entre as duas localidades. Estes estudantes paraguaios cruzam semanalmente a linha de fronteira para estudarem no Brasil em busca da educação pública, gratuita e com mais qualidade.

A escola pública brasileira oferece serviços e assistências que não são ofertados no Paraguai, como: transporte público, merenda e uniforme escolar, além dos livros didáticos gratuitos. Kammer e Ferrari (2018) afirmam que os serviços ofertados na zona de fronteira paraguaia são insuficientes ou de difícil acesso à comunidade local, que os julga precários se comparados aos serviços prestados pelo Governo Brasileiro. Por estes motivos, muitas famílias paraguaias preferem mandar seus filhos estudarem no Brasil.

No período atual, aproximadamente 5% dos estudantes do estabelecimento são oriundos ou possuem descendência do Paraguai. Porém, o contingente de alunos paraguaios foi maior no passado, principalmente porque apenas em 2014 houve a abertura do Ensino Médio na Colônia Marangatú. Mesmo assim, muitos jovens paraguaios continuam estudando no Brasil, visando a oportunidade de continuar seus estudos no ensino superior nas cidades próximas de Pato Bragado, uma vez que o município concede auxílio estudantil de R\$200,00 mensais para incentivar a formação universitária para estudantes que vivem há mais de cinco anos no município (MALDANER, 2017).

Em entrevista, a Professora I reforça o problema de locomoção que os estudantes enfrentam para estudarem no Paraguai. Como o país não fornece transporte público e gratuito para os alunos, eles encontram dificuldades para deslocarem-se até as escolas da região, principalmente em dias chuvosos, devido à distância e à precariedade das estradas:

[...] alguns não conseguem estudar por causa da distância, inclusive tiveram alguns alunos que vieram este ano e eles declararam que a dificuldade é o transporte, porque o Paraguai não tem um transporte público e gratuito e a falta de recursos acaba prejudicando essa ida e vinda da escola, então às vezes vêm morar com parente pra cá.

Esses estudantes ficam durante a semana nas casas de amigos e parentes em Pato Bragado e retornam nos finais de semanas para o Paraguai, através do transporte fluvial entre Porto Britânia e Porto Marangatú. Para matrícula escolar, são exigidos documento de identificação e comprovante de residência. Desta forma, na entrevista, a Professora II enfatiza o fato de que muitas famílias trazem seus filhos para estudarem em Pato Bragado por conta da acessibilidade. Torna-se viável os filhos estudarem em outro país com garantia de uma educação de qualidade do que nas cidades maiores do Paraguai:

Na nossa região de fronteira, a gente percebe os pais trazem os alunos pra cá, para estudar morando com parentes porque é mais perto pra cá que é outro país, do que eles irem estudar nas cidades maiores no Paraguai, ou estudar em Assunción, por exemplo. Pra eles, é mais fácil vim estudar pra cá, acessibilidade é maior do que eles ir pra capital.

Outro fato que impulsiona a vinda desses jovens paraguaios para estudarem no Brasil é a oportunidade de trabalho. Na região fronteira próxima da Colônia Marangatú, existem poucos comércios e não há indústrias. Os empregos consistem no setor agropecuário ou nas práticas ilegais de tráfico, contrabando e descaminho. Por esse motivo, muitos jovens vêm trabalhar em Pato Bragado e terminam seus estudos no Ensino Médio noturno.

A maioria desses estudantes que vêm estudar em Pato Bragado são filhos de brasileiros, que, no passado, emigraram do Brasil para trabalhar no Paraguai e, atualmente, retornam. Porém, conforme a Professora II, o colégio atende alunos descendentes de guaranis e filhos de paraguaios que nasceram no território brasileiro, mas que cultivam suas características:

[...] muitas vezes alguns são brasiguaios, uns são da família dos guaranis [...]. Outros não, que são de origens alemã como a nossa, que saíram daqui e foram morar para o Paraguai e agora estão retornando pra cá, de olho azul e olho verde, mas que falam o castelhana, a gente acha até engraçado porque acha que tem que falar alemão, mas não, falam em castelhana.

Nos estabelecimentos de ensino em Pato Bragado, além do cruzamento entre a cultura brasileira e paraguaia, ocorre o encontro com aspectos da cultura germânica que a comunidade local cultiva desde a colonização. Esses fatos contribuem para diferenciação

desses estudantes no ambiente escolar, principalmente do estudante paraguaio, de acordo com a Professora I:

[...] eles falam muitas vezes um pouco diferente, leem diferente, escrevem de forma diferente, porque quem vem alfabetizado do Paraguai onde escrevem em caixa alta. Tudo isso já dá uma diferenciada pra nós como professor. Diante dos alunos, eles também de certa forma se sentem com certa restrição. Porque eles são paraguaios e acabam se sentindo menosprezados por alguns alunos e acontece mesmo.

Em razão da porosidade da fronteira internacional entre Brasil e Paraguai, a comunidade escolar deveria estar habituada com a presença do estudante paraguaio, visto que a vinda desses alunos para o Brasil se refere às estratégias de vida na fronteira que a população fronteiriça tece de acordo com suas necessidades. Porém, não é isso que se observa no ambiente escolar. Conforme Rosa (2014, p. 53), as escolas da fronteira encontram-se em “[...] situações bastante contraditórias, como a língua, os conteúdos voltados para a realidade brasileira, apenas docentes brasileiros atuando”.

A Professora I menciona que “[...] dá uma diferenciada pra nós como professor” e que os estudantes paraguaios “[...] acabam se sentindo menosprezados por alguns alunos”. O que foi dito pela professora refere-se às situações que ocorrem nas escolas da fronteira e deveriam constar no PPP do estabelecimento, porém são invisibilizadas e menosprezadas junto com esses estudantes, que são negados diante da hegemonia cultural do sistema educacional:

[...] os alunos de origem paraguaia são tratados como iguais aos alunos brasileiros, como se fossem brasileiros, desconsiderando sua diversidade cultural e sua história. Os professores entendem que os mesmos atravessam a fronteira por aquilo que o Brasil oferece aos alunos, ficando bem claro, [...] um forte sentimento nacionalista [...] que convergem para um status de superioridade na educação brasileira (ROSA, 2014, p. 54).

Todavia, é preciso levar em consideração as diferentes historicidades que se encontram nas sociedades fronteiriças, posto que a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) - Lei nº 9394/96 permite que a comunidade escolar pense num projeto de escola que leve em consideração sua própria realidade. Este projeto deve ser construído através da gestão democrática com todos e para todos os sujeitos da escola, respeitando suas características e diversidades (BRASIL, 1996). Porém, percebe-se que o PPP do Colégio Estadual Pato Bragado - Ensino Fundamental e Médio não parte de reflexões sobre seu educandário, as implicações fronteiriças não aparecem no documento.

Mediante seu caráter político e pedagógico, o projeto deveria expressar a identidade, as especificidades e o modo de pensar e agir dos sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Logo, “[...] o projeto precisa ser conhecido, discutido e reformulado sempre em concordância com as políticas públicas educacionais vigentes, sem perder a análise crítica da realidade que se manifesta a nível micro, mas que é reflexo da realidade globalizada” (PICOLI; CARVALHO, 2007, p. 4).

Essa análise crítica da realidade não está presente no documento. O texto menciona que “[...] as turmas são constituídas por alunos oriundos da sede do município, da área rural, alguns oriundos do vizinho país Paraguai” (PARANÁ, 2018, p. 7). Contudo, não existe o diálogo com as necessidades e as dificuldades que estes estudantes oriundos do Paraguai encontram para se adaptarem ao sistema educacional brasileiro. É necessário conhecer a história e as características da região e pensar ações didático-pedagógicas para a inserção, a adaptação e a inclusão dos estudantes paraguaios no sistema educacional brasileiro no corpo teórico do PPP.

No documento, discutem-se, inclusive, as características econômicas e sociais das famílias dos discentes, porém, não traz para o debate a questão dos estudantes estrangeiros que transpõem a fronteira de seu país em busca de melhores condições educacionais. Frasson (2014, p. 124) chama atenção para o fato de que “[...] a fronteira, em suas contradições, não faz parte do cotidiano das instituições escolares em seus processos pedagógicos”. Justamente porque esses estudantes são invisibilizados nos documentos oficiais e contabilizados como um número para o estabelecimento de ensino, por consequência, suas vozes são silenciadas no processo de ensino-aprendizagem.

Esses estudantes apresentam dificuldades para se adaptarem e serem inclusos no sistema educacional brasileiro, além de falarem outra língua e cultivarem outros costumes, precisam se acostumar com uma nova realidade que reflete as regras e as características de um país distinto. Porém, ser brasileiro ou ser paraguaio não interfere nos processos cognitivos do ser humano, ambos possuem as mesmas capacidades de aprendizagem. A Professora I menciona, em sua entrevista, que as dificuldades não estão relacionadas à nacionalidade:

Alguns têm dificuldades normalmente como os alunos daqui, outros não têm dificuldades porque eles já conseguem aprender. Acho que a dificuldade não é tanto só do paraguaio, mas também do aluno brasileiro. Dependendo do aluno, são as mesmas dificuldades. Não dá pra se dizer, aquele é paraguaio então ele tem dificuldade nisso, às vezes um pouco mais na forma de se expressar do idioma, mas a questão de conteúdo dentro da geografia não tem muitas dificuldades não.

Porém, a Professora I ressalta a dificuldade na comunicação como característica dos estudantes paraguaios. Para Pereira (2009), a linguagem é um dos principais desafios a serem vencidos nas escolas da fronteira, visto que nesta os alunos se diferenciam pelo idioma, pelos costumes, pelas crenças e pelos saberes. A linguagem e a comunicação são mencionadas pela Professora II como dificuldades que os estudantes paraguaios inseridos no ambiente escolar bragadense demonstram em sala de aula. A docente, ainda, destaca que, no começo, os estudantes ficam “acanhados,” possuem vergonha de expressarem-se verbalmente, mas que logo são inseridos e adaptados:

Ficam um pouquinho acanhados, acho que até a vergonha por estar em outro lugar e de falar uma língua diferente daqui, mas a grande maioria já fala a língua portuguesa, por ser uma região de fronteira, eles têm esse contato, muito com a nossa região ou família que fala português ou família que fala espanhol, então essa relação é até tranquila. E os alunos também, eles acham engraçado, eu lembro que quando eles começam perceber essa característica, falam: “Ah, ele fala em espanhol! Ah profe, pede pra ele ler um texto, só pra gente escutar como se fala”. Mas os estudantes oriundos do Paraguai são bem disciplinados, não têm problemas de conduta, são bem tranquilos, eu acho que um dos principais fatores é isso, se sentirem deslocados no começo, mas isso é comum com qualquer adolescente, a gente se fosse para um lugar diferente onde a gente não conhece sempre fica com um pé atrás na reta guarda.

A Professora II salienta que no educandário não existem problemas graves relativos à adaptação desses estudantes no sistema educacional brasileiro. Pelas características da territorialidade transfronteiriça, Maldaner (2017) frisa que ocorre a miscigenação de tradições, culturas e, conseqüentemente, de idiomas. Dessa forma, essa adaptação dos estudantes ocorre de maneira tranquila pelo constante contato entre brasileiros e paraguaios no espaço geográfico fronteiro.

Conforme relato das professoras, as principais dificuldades encontram-se na defasagem e diferenças de conteúdos que são sentidas pelos professores de todas as

disciplinas, inclusive nas disciplinas exatas, como relata a Professora II: “Na Matemática, por exemplo, os termos são diferentes. Lembro um dia a professora de matemática comentando: hoje eu descobri que no Paraguai não é cinco vezes dois, é cinco por dois”. Observa-se que o linguajar é diferente, nesse sentido, é preciso que o professor conheça seu aluno e descubra suas características para obter sucesso no desenvolvimento e na adaptação deste estudante. A Professora explana sobre as dificuldades com a Língua Portuguesa e afirma que os estudantes conseguem superar os obstáculos com facilidade, decorrente da similaridade com a Língua Espanhola:

Quanto à língua portuguesa, o falar e a leitura em si eles acabam conseguindo, faz uma aula de apoio ou reforço e eles conseguem trabalhar, conseguem pegar muito bem! Dependendo do aluno e da onde essa criança estudou, essa facilidade de aprendizagem é bem maior que outros. Eu tenho alunos que têm grandes dificuldades de relacionar e até hoje fazem a mesma escrita. No Paraguai, eles têm aquela letra de máquina, aquela letra de forma e pra nós é letra cursiva, eles não fazem letra cursiva lá. As dificuldades que eu observo nos nossos alunos e que é uma grande influência na escola, é eles estarem se habituando a realidade nossa.

A Professora II afirma que a maior dificuldade encontra-se, justamente, na adaptação do estudante, mas menciona o comportamento disciplinado dos alunos advindos das escolas paraguaias como fator positivo para adaptação e inclusão. Apensar das dificuldades encontradas com linguagem e escrita, eles possuem a disciplina de sentar, escrever e prestar atenção. Porém, mesmo assim, alguns estudantes sentem-se deslocados e confusos durante essa adaptação ao sistema educacional brasileiro. A professora enfatiza o caso de uma estudante que não conseguiu se acostumar com a realidade escolar brasileira:

[...] eu tive uma aluna que ela tava meio ano conosco e ela faltava muito na escola porque ela tinha vergonha, era muito tímida. E os pais não ajudavam a dar esse incentivo para ela vir pra escola e perder o medo. Talvez os pais também tivessem essa reação em relação ao município aqui e acabaram voltando ao Paraguai, e ela era bem “bichinho do mato”, bem pra dentro do Paraguai, então ela tinha muita dificuldade, muita dificuldade. Ela falava até o português com bastante sotaque, mas ela tinha bastante dificuldades, talvez um pouco de déficit de aprendizagem.

Silva (2011) destaca que a família possui influência para adaptação e desenvolvimento do educando que transpõe a fronteira para estudar, porque “[...] auxilia na construção do indivíduo a partir do convívio familiar e isso, posteriormente, contribui para a sua integração no ambiente social” (SILVA, 2011, p. 13). Desta forma, a presença da família no incentivo do estudante em estudar contribui para sua adaptação no colégio. Esse fato pode ser observado no depoimento da Professora II sobre outra aluna que atualmente está no 1º ano do Ensino Médio:

Eu vejo a diferença numa aluna nossa que fala muito castelhano, ela está no primeiro ano do ensino médio, nome dela é Maria, ela é muito inteligente, muito dedicada, dedicada mesmo e ela escreve tudo com letra de forma, mas ela aprendeu a ler e lê com sotaque espanhol, mas ela lê e interpreta, ela é muito boa!

Nesta perspectiva, a adaptação depende das características de cada aluno, seja emocional, familiar ou da escola que é egresso. Na Geografia, a maior dificuldade é o fato de o estudante ser de outro país, com historicidade e geograficidade diferente da realidade escolar. Assim, alguns estudantes possuem dificuldades referentes à localização, os alunos

sentem-se deslocados no espaço geográfico. A Professora II cita o exemplo de um estudante do oitavo ano que estuda há dois anos no Brasil e não consegue se localizar geograficamente:

[...] ele escreve tudo em letra de forma, ele tem muita dificuldade pra se localizar geograficamente. Eu pego firme com ele, eu pego, comparo, mostro e não sei com ajudá-lo. Eu vou tentando, vou tentando, toda vez que eu faço algo ou introduzo um conteúdo novo, é mapa daqui, é mapa colá. Explica! Faz caixinha! Encaixa! Desencaixa! Mostra! Enfim, eu não consigo trazer ele pra realidade do Brasil, não consigo fazer ele se localizar e identificar. Vira e mexe ele menciona o Paraguai.

O estudante está matriculado e realizando seus estudos no Brasil, porém o Paraguai é seu país de origem e o território nacional que desenvolve o sentimento de pertencimento e identidade territorial. Por esse motivo, ele não se identifica e não possui interesses pelas questões pertinentes ao território brasileiro e, assim, *“vira e mexe ele menciona o Paraguai”*. Mota e Silva (2012) explanam que as escolas da fronteira vivem em função de ideologias monoculturais de educação, não atendem e nem respeitam a diversidade cultural da região fronteira. Assim, surgem o “[...] preconceito, a discriminação, a exclusão social, os direitos negados, o descaso e desvalorização da educação do interior e de fronteira” (MOTA; SILVA, 2012, p. 3). Dessa forma, quando questionada sobre a existência de discriminação dos estudantes oriundos do Paraguai, a Professora II afirma que não existe no ambiente escolar em Pato Bragado, porque a comunidade encontra-se acostumada com sua presença:

Não, acho que já estávamos acostumados com eles. No começo você tem, da mesma maneira como eles chegam pra nós com vergonha por estar num lugar diferente, os nossos alunos também ficam um pouco acanhados em recebê-los. Mas nossos adolescentes e adultos são crianças, de maneira de dizer, criança no sentido de carinho, conversam com todo mundo: “Ah, vem cá, eu te ajudo”. Eles não vão brigar, não chamam de paraguaio, não chama de índio, nada! Nada, nada, nada disso! Salvo algumas situações, mas isso não entra em questão, não é a maioria. Eles são bem atendidos, são bem recebidos. Ficam no cantinho da sala, mas quando vê, já estão sendo chamados pra vir. Os professores ajudam bastante também, não deixam os alunos serem excluídos, se as coisas acabam acontecendo e o professor não se dá conta, não vou dizer que não poderia acontecer, mas como a gente já está tão acostumado a ter um ou dois por turma, não de repente que passa todo ensino fundamental ou ensino médio com a gente, mas eles sempre estão aqui. Então a gente já está acostumado a lidar com eles.

Enquanto a Professora II salienta que a comunidade escolar está acostumada com a presença dos estudantes paraguaios no estabelecimento de ensino e não ocorrem discriminações, salvo algumas exceções. A Professora I discorda e relata que existe sim discriminação, mas que isso é trabalhado pelos professores do colégio:

[...] existe sim, porque às vezes ele é visto como “a veio lá o paraguaiozinho”, já tem ali um nome diferente, porém a gente trabalha essa questão do não preconceito em sala, da não discriminação, a gente acaba trabalhando bastante, mas tem algum que ainda se sente e às vezes ainda acontece o *bullying*. Acontece!

Durante a realização da pesquisa, foram entrevistados quatro alunos que viveram no Paraguai e, posteriormente, migraram para o Brasil. Estes estudantes, quando questionados sobre a adaptação à escola brasileira, relatam com tristeza suas dificuldades, apesar de entrarem em consenso que a escola estava preparada para recebê-los. Porém, afirmam que se sentiram deslocados, possuíam dificuldades em fazer amizades e em compreender os

conteúdos, porque não compreendiam a língua portuguesa. Dois alunos relataram que sofreram *bullying* e discriminação por parte de colegas e professores, pelo fato de serem paraguaios e falarem “enrolado” o português. Conforme Moreira e Candau (2003, p. 161), isso acontece porque:

A escola sempre teve dificuldade em lidar com a pluralidade e a diferença. Tende a silenciá-las e neutralizá-las. Sente-se mais confortável com a homogeneização e a padronização. No entanto, abrir espaços para a diversidade, a diferença, e para o cruzamento de culturas constitui o grande desafio que está chamada a enfrentar.

Existem muitas fronteiras postas pela sociedade em prol da concretização da educação para diversidade. Os sistemas educacionais tendem para a homogeneização, conseqüentemente, os professores possuem dificuldades para trabalhar com os alunos que não se encaixam nessa padronização. As escolas da fronteira, além da diversidade de gênero, étnica e condição sexual dos estudantes, contam com diferenças identitárias e culturais no espaço escolar. Nesse sentido, Nunes (2011, p. 212) afirma que os estudantes paraguaios em escolas brasileiras:

[...] vivenciam um contexto de negação de sua cultura e de sua identidade, o que pode trazer conseqüências para o processo de ensino/aprendizagem, pois muitos deles ao se depararem com a dificuldade da língua e falta de preparo dos professores para trabalharem com este tipo de situação, não conseguem acompanhar o restante da turma. Alia-se a isso as tensões e os conflitos identitários que ocorrem no interior da escola, a partir dos quais estes alunos passam por um processo intenso de desterritorialização na medida em que estão em outro país, falando outra língua que não a materna, inseridos em um conjunto de práticas e regras institucionais onde são os “diferentes”, os “paraguaios” (NUNES, 2011, p. 212).

Rosa (2014) explana que as manifestações relacionadas à diversidade cultural dentro das escolas devem ser pensadas pela comunidade escolar como possibilidade de inserção nas atividades a serem desenvolvidas nas práticas educacionais e na organização das propostas pedagógicas. Entretanto, os estudantes oriundos do Paraguai são tratados como se fossem brasileiros. Por esse motivo, eles são invisibilizados e os professores não se despertam e não recebem cursos de capacitação para trabalhar com a interculturalidade da fronteira:

[...] carregados de diferentes formas e expressões culturais marcadas pela diversidade de pessoas que se encontram nestes locais em busca de aprendizado. Nesse sentido, torna-se necessário refletir sobre as práticas educacionais que são desenvolvidas no interior das mesmas, de forma que estas busquem trabalhar as diferenças existentes, bem como as relações de identificação e diferenciação que ocorrem não apenas no espaço escolar, mas que extrapolam seus muros no desenrolar das práticas sociais cotidianas (TERENCIANI, 2011, p. 57).

Portanto, a falta de conhecimento e de reflexão sobre a interculturalidade existente nas escolas da fronteira parte da formação inicial e continuada dos professores que não foram/são orientados para trabalhar com a diversidade cultural. Desta forma, nas bordas do território brasileiro, os estudantes estrangeiros inseridos no movimento da fronteira são excluídos, ignorados e invisibilizados nas salas de aula. Nesta perspectiva, é preciso ir em busca de uma educação inclusiva, conforme os postulados da Declaração de Salamanca:

As escolas devem acolher todas as crianças, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras. Devem acolher crianças com deficiência e crianças bem dotadas; crianças que vivem nas ruas e que trabalham; crianças de populações distantes ou nômades; crianças de minorias linguísticas, étnicas ou culturais e crianças de outros grupos ou zonas desfavorecidas ou marginalizadas (UNESCO, 1994, p. 17-18).

Parafraseando o pensamento do geógrafo Aziz Ab'Saber, é necessário lembrar que ninguém escolhe o ventre, a localização geográfica, a condição socioeconômica ou sociocultural para nascer. Por isso, é preciso cuidar de todos aqueles que estão em todos os recantos deste país e do mundo. Partindo desta permissão, cabe ressaltar a necessidade de pensar e de efetivar políticas educacionais para as áreas de fronteira internacionais, que abarquem essa diversidade cultural e identitária no meio escolar e contribuam para a construção da cidadania nos dois lados da fronteira.

### **Considerações finais**

A fronteira extrapola os limites políticos dos Estados nacionais e se estende pelo território. Sua dinâmica transparece nas salas de aula, que são marcadas pelas diversidades cultural e linguística, decorrentes do encontro entre estudantes brasileiros e estrangeiros. No Colégio Estadual Pato Bragado - Ensino Fundamental e Médio, o mesmo acontece. Cerca de 5% dos estudantes são oriundos do Paraguai e buscam, no Brasil, melhores condições de vida e de educação, uma vez que os serviços ofertados na zona de fronteira paraguaia são considerados precários e insuficientes. Desta forma, torna-se mais viável as famílias mandarem seus filhos estudarem no Brasil ao invés das grandes cidades do país.

No entanto, esses estudantes paraguaios enfrentam dificuldades quando matriculados e inseridos nas escolas públicas bragadenses. Eles não são inclusos a partir de suas características e de seus conhecimentos, mas obrigados a se adaptarem ao sistema educacional brasileiro, que os invisibiliza e os menospreza diante da hegemonia cultural. Estes estudantes são tratados como se fossem brasileiros e sua história, sua cultura e sua língua são desconsideradas, uma vez que o PPP da escola trata-se de um documento de gaveta que ignora essa realidade existente no estabelecimento de ensino, elaborado pela obrigatoriedade e não pela funcionalidade.

Ademais, os estudantes paraguaios apresentam dificuldades para fazer amizades e sofrem preconceitos camuflados dentro da comunidade escolar, decorrentes da comunicação e do país de origem. Isso pode ser observado nas contradições expostas pelas narrativas das professoras, as quais afirmam que estes estudantes não possuem dificuldades para se adaptarem e que são bem recebidos, mas que “ficam no cantinho da sala”. O fato também é expresso pelos estudantes quando falam: “Ah, ele fala em espanhol! Ah profe, pede pra ele ler um texto, só pra gente escutar como se fala”, o que pode gerar desconfortos e constrangimentos diante da exposição, visto que estão em outro país com costumes e idiomas diferentes.

A linguagem e os conteúdos relacionados somente à realidade brasileira se configuram como as principais dificuldades para inclusão destes estudantes, que se sentem deslocados nas escolas brasileiras. É salientado pelas professoras que não existem problemas graves relacionados com a adaptação, em virtude de que os alunos vêm disciplinados do Paraguai e o constante contato entre brasileiros e paraguaios no espaço geográfico bragadense favorece a adaptação ao sistema educacional brasileiro.

Cabe frisar que o Colégio Estadual Pato Bragado - Ensino Fundamental e Médio, assim como as demais escolas localizadas na faixa de fronteira, deveria se apropriar da diversidade cultural e linguística existente no ambiente escolar e elaborar seu projeto educacional a partir desta realidade. Além disso, os professores e a equipe pedagógica

deveriam receber formação continuada pela SEED-PR para trabalharem com esse alunado que se diferencia dos demais pela cultura, pela linguagem e pela história que trazem consigo para a sala de aula. Desta forma, pensar o PPP e o Plano de Trabalho Docente (PTD) baseados nestas características agregaria às aulas, contribuiria para a inclusão deste alunado e colaboraria para a construção da cidadania entre Brasil e Paraguai.

Um instrumento importante para a construção da cidadania e para a inclusão dos estudantes paraguaios no sistema educacional brasileiro é a Geografia escolar. Para tanto, os professores da disciplina devem se apropriar e valorizar a realidade vivenciada pelos estudantes fronteiriços, a fim de construir a compreensão do espaço vivido e o entendimento das configurações socioespaciais fronteiriças. Assim, os alunos passam a entender a diferença como diversidade e a ser instrumentalizados para viver na fronteira.

**Agradecimentos:** O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior -Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

## Referências

ALMEIDA, R. A. de. **Identidade, distinção e territorialização:** o processo de (re)criação camponesa no Mato Grosso Do Sul. 2003. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista – UNESP, Presidente Prudente, 2003.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação Qualitativa em Educação:** Uma Introdução à Teoria e aos Métodos. Porto: Porto Editora, 2010.

CALLAI, H. C. **A Formação do profissional da Geografia:** o professor. 1. ed. Ijuí: Editora UNIJUI, 2013.

DAPPER, V. R. M. **O jovem e a fronteira:** percepções e práticas espaciais dos concluintes do ensino médio em Pato Bragado (Paraná-Brasil). 126 f. TCC (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2018.

FRANÇA, B.; CARVALHO, M. C. A. O livro didático de Geografia e a construção da identidade nacional. In: SACRAMENTO, A. C. R. ANTUNES, C. F.; FILHO, M. M. S. **Ensino de Geografia:** Produção do espaço e processos formativos. Rio de Janeiro: Consequência, 2015. p. 279-294.

FRASSON, M. **Alunos brasiguaios em movimento na tríplice fronteira.** Francisco Beltrão, 2014. 273f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2014.

FRERES, H.; RABELO, J. J.; MENDES SEGUNDO, M. D. O papel da educação na sociedade capitalista: uma análise onto-histórica. In: V Congresso Brasileiro De História Da Educação, 2008, Aracaju. O Ensino e a Pesquisa em História da Educação. **Anais**, Aracaju - Sergipe: Universidade Tiradentes, 2008. v. 1. p. 395-395.

KAMMER, A.; FERRARI, M. Zona de fronteira e redes de interações transfronteiriças: uma análise a partir de Pato Bragado (PR) e Colônia Marangatú (Nueva Esperanza-Canindeyú-PY). **Tempo da Ciência:** Revista de Ciências Humanas e Sociais, v. 25 Nº50, p. 07-151, 2018.

MALDANER, A. K. **Redes de interações transfronteiriças entre Pato Bragado (PR) e Colônia Marangatú (Nueva Esperanza-Canindeyú- PY).** 2017. 61 p. TCC (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2017.

MOREIRA, A. F. B.; CANDAU, V. M. F. Educação Escolar e Cultura(s): construindo caminhos. **Revista Brasileira de Educação**, v. 1, n. 23, p. 156-168, 2003.

MOTA, M. L.; SILVA, A. R. A escola ao Pé de Fronteira: percepção e possibilidades de uma educação multi/intercultural crítica para a cidadania infantil. In: I Simpósio Luso-Brasileiro em Estudos da Criança: perspectivas sociológicas e educacionais, 2012, Braga. **Anais**, I Simpósio Luso-Brasileiro em Estudos da Criança: perspectivas sociológicas e educacionais. Braga/Universidade do Minho, 2012.

NUNES, F. G. Narrativas docentes na/da fronteira: identidade, alteridade e diferença na prática de ensino e na formação de professores de Geografia. In: PORTUGAL, J. F.; CHAIGAR, V. A. M. (Org.). **Educação geográfica: memórias, histórias de vida e narrativas docentes**. 1ed.Salvador: Editora da UFBA, 2015, v. 1, p. 139-154.

PARANÁ. **Projeto Político Pedagógico do Colégio Estadual Pato Bragado** – Ensino Fundamental e Médio. Pato Bragado, 2018.

PEREIRA, J. H. do V. Diversidade cultural nas escolas de fronteiras internacionais: o caso de Mato Grosso do Sul. In: **Revista Múltiplas Leituras**. jan/jun. 2009, v. 2, n. 1, p. 51-63.

PICOLI, E. S. A.; CARVALHO, E. J. G. Projeto político-pedagógico: uma construção “coletiva”? III Encontro de Pesquisa em Educação, **Anais**, I Jornada de Gestão Escolar e XV Semana de Pedagogia – Pedagogia 35 anos: História e Memória. UEM, Maringá, 2008.

ROSA, M. M. **Características e desafios do ensino de geografia em área de fronteira: considerações a partir do município de Coronel Sapucaia (MS)**. 2014. 108f. Dissertação (Geografia - Mestrado) - Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2014.

SILVA, R. S. **O ensino de geografia em área de fronteira (Brasil/Paraguai)**: o processo de ensino aprendizagem dos brasiguaios no Distrito de Porto Mendes, município de Marechal Cândido Rondon - PR. Marechal Cândido Rondon, 2011.

TERENCIANI, C. **Interculturalidade e Ensino de Geografia em Escolas na Fronteira Brasil-Paraguai em Mato Grosso do Sul**. 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados-MS, 2011.

UNESCO. **Declaração de Salamanca e Enquadramento da Acção na Área das Necessidades Educativas Especiais**. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1994.